

LUZ DE ALEXANDRIA

Câmara de Estudos Maçônicos – A.:R.:L.:S.: Heráclito Victória Nº 3168



Aniversariantes dos Meses de Junho e Julho

01/06 - Alessandro Ribeiro Boeira
05/06 - José Maria Nascimento
07/06 - Guilherme Sartor
15/06 - Marco Aurélio Peter
18/06 - Cleberson dos S. Portela
18/06 - Marcelo Luís Costa
20/06 - Eduardo Augusto Rocha
24/06 - Alex Ricardo da Rosa
28/06 - Alexandre Augusto Luciano
01/07 - William Felipe Dariz
04/07 - Josué Lins da Silva
11/07 - Jorge José da Silveira Filho
20/07 - Guilherme Pellizzari
25/07 - Thomas Bolzan
27/07 - Gabriel De Marchi
30/07 - Gilmar Martins Galiotto
30/07 - Rodrigo Foscarini

Programação Mensal

04/06 - Sessão Ordinária de A.: M.:
11/06 - Sessão Magna de Elevação
18/06 - Sessão Ordinária de A.: M.:
25/06 - Sessão Magna de Instalação
02/07 - Sessão Ordinária de A.: M.:
11/07 - Visita GMG GOB
16/07 - Sessão Ordinária de A.: M.:
23/07 - Sessão Ordinária de A.: M.:
30/07 - Sessão Ordinária de C.: M.:



COLUNA DO VENERÁVEL MESTRE

Meus Respeitáveis Irmãos,

com gratidão e senso de responsabilidade, inicio minha jornada como Venerável Mestre da nossa querida Heráclito Victória. Escolhi, junto aos Irmãos que me acompanham nesta administração, o nome **"Legado e Futuro"** para representar este novo ciclo. E não foi à toa.

Legado é tudo o que recebemos daqueles que, com coragem e fraternidade, ergueram e sustentaram as colunas desta Oficina desde sua fundação em 1998 e, em especial, do reerguimento realizado em 2010 por Irmãos destemidos que acreditaram em um novo Oriente para Caxias do Sul. Esse exemplo de dedicação permanece vivo e pulsa em cada Sessão, em cada gesto de comprometimento.

Futuro, porque o tempo presente nos convida a fazer a nossa parte. Não apenas manter, mas renovar. Não apenas repetir, mas construir.

É nesse espírito que assumo esta gestão pautada em **planejamento, organização e responsabilidade compartilhada**. Estruturamos um modelo de trabalho que visa otimizar o funcionamento da Loja, valorizar o talento de cada Irmão e manter viva a chama da nossa missão maçônica. O objetivo é claro: tornar cada ação mais eficiente, cada projeto mais relevante e cada decisão mais consciente. A Câmara de Estudos, os projetos sociais, o fortalecimento das relações fraternas e a comunicação da Loja são algumas das frentes que receberão atenção especial, sempre com espaço para ouvir e integrar todos os Obreiros.

Nossa missão será, portanto, **honrar o que recebemos e preparar o caminho para quem virá depois de nós**. Como bem já ouvi em Templo:

"Ninguém constrói um templo sozinho. Mas todos podem colocar sua pedra."

Convido cada um de vocês, independente de grau ou tempo de Ordem, a se colocar à disposição desta caminhada. A Loja é viva. E precisa do seu talento, da sua escuta, da sua energia. Que o Supremo Arquiteto do Universo nos conceda sabedoria, força e beleza para seguirmos unidos neste novo tempo.

Tríplice e Fraterno Abraço,
Cleberson Portela
Venerável Mestre



A.:R.:L.:S.:
HERÁCLITO VICTÓRIA Nº3168

RITO BRASILEIRO
QUARTAS FEIRAS, 20H

RUA PAULINO BALBINOTTI, 385
FORQUETA - CAXIAS DO SUL RS

CRÔNICAS 04

TRANSMUTAÇÃO

IR.: EDUARDO AUGUSTO ROCHA

“Na filosofia e na espiritualidade, a lei da transmutação é aplicada para ensinar que podemos transformar nossas emoções, pensamentos e comportamentos, elevando nossa consciência e evoluindo espiritualmente. Por exemplo, podemos transformar emoções negativas como a raiva em uma energia mais positiva, como o amor.”

Dando um Google sobre o significado de transmutação, é isso que encontramos na internet. Pois bem... Será que podemos realmente aplicar estes significados, na ordem maçônica? Será que tudo se aplica como as convenções gerais apontam?

Transmutar é sim, um ato de ressignificar, de alterar aquilo que de fato era e que agora é mudado.

Os próximos dias, serão significativos para o Grande Oriente do Brasil, pois “transmutações” vão ocorrer em quase todas as lojas da obediência, novas administrações começarão as mudanças em suas oficinas, seja para melhor ou para pior, e aí vem a reflexão: será que é possível transmutar os destinos de uma oficina para pior, já que o sentido dela é evoluir a consciência e a própria evolução espiritual?

Creio que o passo seguinte a esta pergunta, seja: O quanto os irmãos destas oficinas estão vigilantes as atitudes que se avizinham? Se tomarmos pela ideologia pura, cada irmão no decorrer da caminhada maçônica, tende a evoluir, enaltecer o caráter, e auxiliar a administração aos novos rumos da sua loja.

Mas precisamos sempre estar atentos aos ideais das administrações, auxiliar, participar, se comprometer com os destinos traçados por ela, pois afinal, estes irmãos administradores agora também se transmutam; são responsáveis em seguir os bons caminhos deixados por outras, ou guinar para direção contrária buscando novos rumos.

Terceirizar decisões, dividir obrigações que são exclusivas da diretoria, ou não se atentar aos sinais de que, atitudes precisam ser tomadas na hora, de imediato, urgentes, podem sim danificar o curso da história de uma Loja.

Aos que vão ocupar cargos em suas oficinas: se dediquem, se comprometam a ser vigilantes à suas obrigações, pois aí sim, estarão se transmutando, evoluindo e adquirindo bagagem em suas carreiras dentro da ordem. Este período de aprendizado é só seu meu irmão! Aproveite, acerte, erre e divida com os seus irmãos estas conquistas, pois servirão de espelho aos próximos que virão.

Daqui um ano, ou dois, saberemos a boca pequena, quais oficinas mudaram para melhor ou para pior, afinal “ô bicho reparadeiro” esse tal de maçom (risos). Sempre buscamos a evolução pessoal, da Loja e da potência, mas nunca deixamos de observar o que se passa com todos que nos rodeiam, pois também servem de parâmetros, ao que se faz em nossa loja.

Transmutar, é alterar, é evoluir, é melhorar em todos os aspectos possíveis, e todos os obreiros precisam saber que depende de cada um a evolução da loja, e da administração depende o rumo à seguir com toda essa melhora, essa energia que se desprende a favor de todos.

Tenhamos todos, uma excelente transmutação.

MAÇONARIA E ESPIRITISMO

IR.: QUILDARE LUCHESE DE ABREU

A Maçonaria e o Espiritismo, sob a perspectiva do mundo profano, carregam profundos estigmas devido ao caráter transcendental e revolucionário que ambas correntes professam. Em seus campos de conhecimento ou segredos jaz primordialmente a busca pela verdade, mas existe alguma relação entre as duas correntes? Seriam solidárias entre si estas duas bússolas da humanidade? Como é de conhecimento geral a doutrina organizada do Espiritismo data de meados do século XIX, sendo codificada pelo professor Hippolyte Léon Denizard Rivail sob o pseudônimo de Allan Kardec. *A título de esclarecimento quanto a uma antiga questão de debate, nem o professor Rivail, nem seu pseudônimo Kardec foram maçons.* Apesar de vasta pesquisa realizada, não há registro histórico da presença dele nos livros das lojas de Paris e da região, tampouco tem-se conhecimento de documentos que corroborem com esta teoria.

O professor Rivail havia trilhado brilhante carreira como educador, autor e tradutor francês e, portanto, gozava de notável prestígio na sociedade parisiense, conhecia muitos homens e mulheres de diversas correntes de pensamento, inclusive maçons. Fora um dos mais distintos discípulos do reformador educacional Johann Heinrich Pestalozzi e como homem de método aplicou o processo metodológico também em sua investigação dos diversos fenômenos paranormais que impressionaram a Europa naqueles tempos, os chamados fenômenos das “mesas girantes”. A investigação das “mesas girantes” deu início a uma sucessão de eventos os quais culminaram em uma revolução na compreensão da dimensão da vida e do destino dos homens. Kardec codificou as cinco obras basilares da Doutrina Espírita, uma obra publicada postumamente e uma grande quantidade de manuscritos os quais foram organizados em publicações trimestrais, com o título de Revista Espírita (La Revue Spirite), de 1858 à 1869, ano de sua desencarnação. Fato interessante tem registro na



Revista Espírita de abril de 1864, páginas 121 à 126, sessão de “Instrução dos Espíritos”, com o seguinte título: “O Espiritismo e a Franco-Maçonaria”, onde discorre sobre as comunicações dadas por três espíritos em 25 de fevereiro de 1864, na Sociedade Espírita de Paris.

Tais comunicações se deram como resposta a pergunta realizada por um grupo de dignitários da Ordem Maçônica que participavam da referida sessão naquele dia. A pergunta: Que concurso pode o Espiritismo encontrar na Franco-Maçonaria? Em resposta apresentaram-se três espíritos assinando respectivamente como Guttemberg, Vaucanson e Jacques de Molay. Guttemberg, comunicando pelo médium Sr. Leymarie, em certo trecho diz: “Falastes da franco-maçonaria, e tendes razão de esperar nela encontrar bons elementos. O que é que se pede a todo maçom iniciado? Que ele creia na imortalidade da alma e no Divino Arquiteto; que ele seja benevolente, devotado, sociável, digno e humilde. Ali se pratica a igualdade na mais larga escala. Há, pois, nessas sociedades, uma afinidade com o Espiritismo de tal modo evidente que salta aos olhos”. Continua Guttemberg: “Assim, então, tereis uma seara espírita nessas sociedades essencialmente liberais. Por elas entrareis plenamente neste segundo período, que deve preparar as vias prometidas. Os homens inteligentes da maçonaria vos bendirão, por sua vez, pois a moral dos Espíritos dará um corpo a essa seita tão comprometida, tão temida, mas que fez mais bem do que se pensa.”

Vaucanson, pelo médium Sr. D’Ambel, abre a sua comunicação com uma saudação aos irmãos e discorre sobre como a Ordem veria a nova doutrina que se iniciava: O Espiritismo realiza todas as aspirações generosas e caridosas da franco-maçonaria; sanciona as crenças que esta professa, dando provas irrecusáveis da imortalidade da alma; conduz a Humanidade ao objetivo que ela se propõe: a união, a paz, a fraternidade universal, pela fé em Deus e no futuro.

Por fim, comunica-se o espírito que se identifica como Jacques de Molay, por intermédio da Srta. Béguet, o qual saúda aos irmãos de ordem e também faz menção a um fato emblemático: “Meu caro irmão em doutrina (o Espírito se dirige a um dos franco-maçons espíritas presentes), venho com felicidade responder ao benévolo apelo que fazes aos Espíritos que amaram e fundaram as instituições franco-maçônicas. Para cimentar essa instituição generosa, duas vezes derramei o meu sangue; duas vezes as praças públicas desta cidade ficaram tintas de sangue do pobre Jacques de Molay. Caros irmãos, seria preciso dá-lo uma terceira vez? Direi, feliz: não. Já vos foi dito: Quanto mais sangue, mais despotismo e mais carrascos! Uma sociedade de irmãos, de amigos, de homens cheios de boa vontade que só desejam conhecer a verdade para fazer o bem!”.

Observa-se que o espírito de Jacques de Molay diz ter dado testemunho de sua crença não uma vez, mas duas vezes. A pesquisa histórica data que o Grão-Mestre Templário teve sua sentença executada em março de 1314, contudo o espírito informa que em sua ficha espiritual consta um outro sacrifício em nome da verdade, não informa se ocorreu em encarnações pretéritas ou posteriores ao seu grão-mestrado, contudo denota a estirpe moral do espírito e o seu nível de comprometimento espiritual. Segue o espírito em sua preleção: “Unidos pelo coração, pela fortuna e pela caridade, nossos templos foram os únicos altares onde não se havia ignorado o verdadeiro Deus; onde o homem ainda podia dizer-se homem; onde a criança podia esperar encontrar, mais tarde, um protetor, e o abandonado, amigos. Vários séculos se passaram e todos acrescentaram algumas flores à coroa maçônica. Foram mártires, homens letrados, legisladores que aumentaram a sua glória, tornando-se seus defensores e conservadores. No século dezenove o Espiritismo vem, com seu facho luminoso, dar a mão aos comendadores, aos rosa-cruzes, e com voz trovejante lhes diz: Vamos, meus irmãos! Eu sou verdadeiramente a voz que se faz ouvir no Oriente e à qual o Ocidente responde: Glória, honra, vitória aos filhos dos homens! Ainda alguns dias, e o Espiritismo terá transposto o muro que separa a maioria do recinto do templo dos segredos, e nesse dia a Sociedade verá florescer em seu seio a mais bela flor espírita que, deixando suas pétalas caírem, dará uma semente regeneradora da verdadeira liberdade.”

As comunicações acima, em recorte dos textos originais, contudo não menos inspiradoras, lançam luz sobre os caminhos das duas filosofias, as quais têm muito mais características em comum do que usualmente se possa imaginar e essa conexão se deve ao fato que em suas raízes ambas têm a busca da verdade como norte para o crescimento do indivíduo e da coletividade.

O SIMBOLISMO DA ESFINGE

IR.: WILLIAM DARIZ

Por muito tempo olhei para a esfinge como quase todo mundo: um monumento de pedra, um desafio intelectual a ser vencido. Mas há uma imagem que tem me acompanhado ultimamente, uma ideia que me toca a alma... E se o enigma não for uma armadilha, mas um espelho? E se as perguntas que ela realmente nos faz não são sobre reis e homens, mas sobre nós mesmos: Quem sou eu, de verdade? O que eu vim fazer aqui?

Permitam-me compartilhar esse pensamento: Tudo começa com a postura dela. Experimentem, por um instante, sentar-se de forma mais ereta, respirar fundo e sentir o próprio corpo. Presenciaremos uma calmaria. A esfinge é isso, porém em escala monumental. É a força do leão que não precisa rugir, pois se conhece. É a mente humana que não se agita, pois está ancorada. Contra a correnteza da ansiedade que o mundo impõe, sua quietude não é inércia, mas uma silenciosa e poderosa contracorrente. É a prova de que, para arrumar a casa por dentro, precisamos primeiro firmar os pés no chão.

Essa jornada para dentro de nós é o verdadeiro enigma de uma vida. Sejamos honestos: é uma viagem que muitas vezes assusta. Olhar para as nossas próprias sombras e para os cantos empoeirados que evitamos. É aí que a esfinge, como uma guardiã silenciosa, nos aponta um caminho, um roteiro de sabedoria ancestral: visita o teu interior e, em um processo de correção, encontrarás a tua verdade mais profunda. Essa é a chave. A resposta não está em decifrar o mundo, mas em ter a coragem de decifrar a nós mesmos, de trabalhar dia após dia nossas imperfeições, de buscar a nossa essência.

Mas como fazer essa viagem com tanto barulho ao redor? A cacofonia de opiniões, a pressa, a distração... tudo nos puxa para fora. É por isso que o silêncio e a observação atenta se tornam nossas ferramentas mais preciosas. São escolhas ativas. É preciso a paciência de um artesão para aprender a ver de verdade, para escutar de verdade. É um trabalho que leva tempo, que exige a dedicação de quem sabe que os maiores aprendizados não são instantâneos, mas sim construídos ao longo de uma vida.

O que a esfinge nos diz, hoje, é algo muito simples e ao mesmo tempo profundo. Ela nos lembra que as lições mais antigas são as que mais precisamos para o agora. Ela nos convida a ter a força serena para enfrentar o caos, a coragem de mergulhar em nosso próprio mistério e a paciência de nos tornarmos quem realmente somos. No fim das contas, o maior desafio não está lá fora. Ele mora aqui dentro. E a resposta também.



OS QUATRO COROADOS (QUATUOR CORONATI): MÁRTIRES DA ARTE REAL E PILAR DA MAÇONARIA MODERNA

IR.: CRISTIAN RIZZARDI



Os “**Quatuor Coronati**”, ou Quatro Coroados, são figuras lendárias reverenciadas na Maçonaria por sua dedicação inabalável aos princípios da arte e da retidão. A história desses cinco mártires – **CLÁUDIO, NICOSTRATO, SINFORIANO, CASTORINO E SIMPLÍCIO** – transcende a mera narrativa religiosa, tornando-se um símbolo poderoso de integridade e fidelidade aos seus ofícios, valores que ressoam profundamente com os ideais maçônicos. Pouco estudados na maçonaria latina, são desconhecidos fora do público de pesquisadores e estudiosos. De cinco escultores, surgiu a lenda dos quatro coroados. Porém, um dos perseguidos ficou fora da narrativa, mas porquê? Vamos discorrer sobre isso.

A Lenda dos Cinco Escultores e a Perseguição de Diocleciano

A lenda dos Quatuor Coronati tem suas raízes no século IV, durante o reinado do Imperador Romano **DIOCLECIANO** (não Dionísio, como por vezes é erroneamente citado). Diocleciano foi um implacável perseguidor de cristãos e promotor do culto aos deuses romanos. Os cinco homens eram escultores talentosos, empregados nas pedreiras da Panônia (atual Hungria), trabalhando em monumentos imperiais.

A história conta que CLÁUDIO, NICOSTRATO, SINFORIANO E CASTORINO eram cristãos fervorosos e se recusaram a esculpir uma estátua do deus Esculápio ou a participar de rituais pagãos, em respeito à sua fé. Simplício, embora não fosse inicialmente cristão, simpatizava com a posição de seus colegas e foi posteriormente associado a eles devido à sua solidariedade.

Diante da recusa e da firmeza de seus princípios, os cinco foram submetidos a torturas brutais e, por fim, condenados à morte por se recusarem a renunciar à sua fé e ao seu ofício de acordo com as exigências pagãs do império. Eles foram trancados em caixões de chumbo e jogados no rio Danúbio.

Por Que Apenas Quatro Foram Canonizados?

Embora cinco nomes sejam comumente associados à lenda, a tradição católica reconhece apenas quatro como “santos”: Cláudio, Nicostrato, Sinforiano e Castorino. Simplício, apesar de seu martírio, não foi formalmente canonizado. A razão para isso reside nas hagiografias (biografias de santos) mais antigas, que focam nos quatro primeiros como os cristãos que se recusaram abertamente a esculpir a imagem pagã e realizar sacrifícios, sendo o ponto central da sua santidade. Simplício, embora tenha sido martirizado junto a eles e tenha sua memória honrada, não é sempre incluído nas primeiras narrativas como tendo a mesma motivação religiosa inicial, sendo mais tarde incluído como um companheiro de sofrimento.

A Loja Inglesa de Pesquisas Quatuor Coronati Nº 2076

A importância dos quatro coroados para a Maçonaria é tão significativa que uma das mais prestigiadas Lojas de Pesquisa Maçônicas do mundo, leva seu nome: a **QUATUOR CORONATI LODGE Nº 2076**.

Fundada em Londres em 1884, essa loja é dedicada exclusivamente ao estudo e à pesquisa histórica da Maçonaria. Seus membros são reconhecidos por sua erudição e contribuições para o conhecimento maçônico.

A escolha do nome não é acidental; ela reflete a busca pela verdade e a valorização do trabalho e da integridade, pilares da lenda dos mártires. A QUATUOR CORONATI LODGE publica anualmente seus trabalhos e pesquisas, tornando-se uma referência fundamental para estudiosos da Arte Real em todo o globo. Existe ainda um círculo de membros correspondentes que trocam intensamente trabalhos entre si, e traduzem para os idiomas natais (Maçons de todo o globo) para as suas comunidades, as obras da Quatuor Coronati. Há ainda, uma agremiação de irmãos da QC “além mar” ou seja, que fazem parte da loja, mesmo não estando geograficamente no mesmo território. A assembléia anual ocorre todos os anos no mês de outubro.

Lições dos Quatro Coroados para a Maçonaria Moderna

A lenda dos Quatro coroados, com sua carga de sacrifício e fidelidade, oferece lições perenes à Maçonaria moderna:

- **Integridade e Firmeza de Caráter:** Os cinco escultores representam a inabalável convicção em seus princípios, mesmo diante da ameaça de morte. Para a Maçonaria, isso se traduz na importância da integridade moral, da honestidade e da fidelidade aos juramentos e compromissos assumidos.
- **A Santidade do Trabalho e do Ofício:** A recusa em profanar sua arte para fins idolátricos destaca a dignidade e a sacralidade do trabalho. A Maçonaria, com suas raízes nas guildas de construtores, sempre valorizou o trabalho bem feito, a perfeição na execução e a dedicação ao ofício, seja ele qual for.
- **Tolerância e Respeito às Crenças:** Embora os mártires tenham sido perseguidos por sua fé, a Maçonaria moderna, que é uma instituição não-dogmática, extrai dessa história a importância da tolerância religiosa e do respeito às convicções individuais. A lenda serve como um lembrete das consequências da intolerância e da importância de defender o direito de cada um a suas próprias crenças.
- **O Poder da Perseverança:** A capacidade de resistir à adversidade e de manter a fé em seus ideais, mesmo diante da morte, é um testemunho da perseverança. Na Maçonaria, essa lição se aplica à jornada de autoconhecimento e aprimoramento pessoal, que exige constância e dedicação.

Em síntese, os Quatro Coroados não são apenas figuras de um passado distante; eles são símbolos vivos dos valores que sustentam a Maçonaria. Sua história nos lembra que a verdadeira força reside na adesão inabalável aos princípios éticos, na dedicação ao trabalho e no respeito à dignidade humana, pilares essenciais para a construção de um mundo mais justo e iluminado.

Os Quatro Coroados na Iconografia Maçônica

A representação visual dos Quatro Coroados, tanto na arte religiosa quanto na maçônica, é rica em simbolismo e reflete os ideais a eles associados. Embora não haja uma iconografia maçônica padronizada e universalmente reconhecida para eles no mesmo nível de outros símbolos como o Esquadro e o Compasso, sua presença é notável em contextos específicos, especialmente em lojas de pesquisa e em peças que remetem à história e às raízes operativas da Maçonaria.

Representações na Arte Cristã

Na arte cristã, os Quatro Coroados são frequentemente retratados como mártires, geralmente segurando os instrumentos de seu ofício – ferramentas de pedreiro e escultor, como martelos, cinzéis, esquadros, compassos e até mesmo maquetas de

edifícios. Eles podem aparecer em grupos, por vezes com a coroa do martírio. As cenas podem incluir sua recusa em esculpir ídolos pagãos ou momentos de seu martírio. É comum vê-los em altares dedicados a santos padroeiros de construtores e artistas, especialmente na Europa, onde a lenda é mais difundida.

Simbolismo na Maçonaria

Na Maçonaria, a iconografia dos Quatro Coroados não se limita a representações literais dos cinco homens, mas se estende aos símbolos das ferramentas que eles representam. As ferramentas de trabalho – o malhete, o cinzel, o esquadro, o compasso – são, por si só, símbolos centrais na Maçonaria, representando as ferramentas com as quais o Maçom “esculpe” a si mesmo e trabalha na construção do seu templo interior.

- **Ferramentas de Pedreiro:** A presença constante de ferramentas de pedreiro e escultor nos rituais e na simbologia maçônica é uma homenagem direta às habilidades e ao ofício dos Quatro Coroados. Elas nos lembram do trabalho árduo, da precisão e da dedicação necessários para o aprimoramento pessoal e para a construção social.

- **A Pedra Bruta e a Pedra Polida:** O conceito da pedra bruta sendo trabalhada para se tornar uma pedra polida é central na Maçonaria. Os Quatro Coroados, como mestres da pedra, simbolizam essa transformação. Eles representam a capacidade de transformar o material imperfeito em algo de grande valor e beleza através do trabalho diligente.

- **O Trabalho Manual e Intelectual:** A lenda exalta o trabalho manual dos escultores e, ao mesmo tempo, sua integridade intelectual e espiritual. Isso ecoa o ensinamento maçônico de que o trabalho não é apenas físico, mas também moral e intelectual, visando aperfeiçoar o indivíduo em todas as suas facetas.

- **A Coroa:** A “coroa” no nome Quatro Coroados pode ser interpretada de múltiplas maneiras na Maçonaria. Além da óbvia coroa do martírio, que representa a honra de morrer por seus princípios, pode simbolizar a coroa da sabedoria ou a recompensa do trabalho árduo e da virtude. É a coroa que se alcança ao viver uma vida de integridade e dedicação aos ideais.

Placas e Emblemas de Lojas

Em lojas de pesquisa, como a Quatuor Coronati Lodge N° 2076, seus emblemas e publicações frequentemente incorporam elementos que remetem à lenda. Isso pode incluir representações estilizadas de ferramentas de pedreiro, pergaminhos antigos (simbolizando a pesquisa e o conhecimento), ou até mesmo ilustrações mais diretas dos próprios mártires em um estilo histórico. Essas representações servem para reforçar a identidade da loja com a busca pela verdade histórica e a valorização das raízes operativas da Maçonaria. Onde há representações de instrumentos de trabalho, há um toque relativo ao trabalho de um dos 5 escultores perseguidos e sacrificados.

Em suma, a iconografia dos Quatro Coroados na Maçonaria é sutil, mas profundamente enraizada. Ela se manifesta através da valorização das ferramentas do ofício, da exaltação do trabalho e da transformação pessoal, e do simbolismo da integridade e da recompensa virtuosa.

Eles nos lembram que a Maçonaria é, em sua essência, um trabalho constante de construção – de si mesmo e de uma sociedade melhor – baseado em princípios inabaláveis. Quem não negocia com seus valores e virtudes, sempre será um grande construtor, ou, um grande maçom.

OS PARADÓXOS DA VIDA MAÇÔNICA E PROFANA

IR.: FELIPE GUBERT CRUZ

Um paradoxo é uma afirmação, situação ou proposição que parece contraditória ou ilógica à primeira vista, mas que pode conter uma verdade profunda ou revelar uma falha em premissas ou raciocínios adotados.

O paradoxo da onipotência ilustra bem isso:

“Deus pode criar uma pedra tão pesada que nem Ele consiga levantar?”

Por que é um paradoxo?

- Se pode criar, então não consegue levantar (limitação).
- Se não pode criar, há algo que não pode fazer (limitação).
- Ambas as respostas parecem negar a onipotência.

Naturalmente existem outros diversos paradoxos famosos, mas filosoficamente falando, quase tudo pode ser visto como um paradoxo — mas nem tudo é um paradoxo. Em alguns casos temos tensões paradoxais.

Peguemos a moral categórica de Kant por exemplo, ela prega que agimos por dever, seguindo princípios universais, independentemente das consequências. O valor moral está na intenção.

Já a moral utilitarista de Mill prega que agimos para maximizar o bem-estar ou felicidade do maior número. O valor moral está nos resultados.

Esses dois sistemas de ética estão consistentes em si mesmos, tem seus próprios princípios e lógicas e não entram em autocontradição, então tecnicamente eles não são um paradoxo, e sim, somente uma “tensão paradoxal”.

Até o momento que resolvemos escolher viver sob um desses sistemas, estamos criando para nós mesmos, tensões internas que funcionam como paradoxos existenciais, mesmo que não sejam paradoxos lógicos formais.

Invariavelmente todos tomamos essa decisão. Nunca conheci alguém que vivesse em um local sob um sistema ético, e em outro local, sob outro sistema, como se na empresa fosse uma pessoa, em casa outra e na loja outra. Basicamente, nós temos um sistema ético definido, mesmo que inconscientemente.

Trazendo isso para o ambiente da loja, nós temos uma questão regulamentar de presença em loja, e com isso, temos dois tipos de pensamento entre os obreiros:

- os que entendem que o dever é da presença sempre que possível
- os que entendem que o dever de presença é somente a % regulamentar

A grande pergunta é: qual das duas visões está correta? Filosoficamente falando, as duas podem estar corretas, dependendo do sistema ético adotado pela pessoa. O ponto aqui não é julgar qual sistema está “mais correto”, mas sim, entender que cada pessoa tem sua forma de enxergar a vida. A famosa temperança que tanto falamos em loja, se aplica aqui.

Algumas pessoas podem não estar tão presentes por questões familiares ou de trabalho, ou mesmo por já terem cumprido um grande ciclo dentro da maçonaria e estarem em um momento diferente de vida. Cabe a nós termos temperança para entender esses casos, e em outros força para ajudar os irmãos a retomarem o caminho da loja.

Esses paradoxos criados por nós, estão presentes em todos momentos da nossa vida profana, e também na vida maçônica. Um paradoxo não é para ser “resolvido” e pronto — é para ser explorado, porque ele nos mostra onde precisamos pensar melhor.

Para finalizar, deixo um questionamento aos irmãos. Procuramos cavar masmorras ao vício e levantar templos à virtude. Somos todos homens livres. Se nossa liberdade nos permitir fazer o que quisermos a qualquer momento, somos realmente livres, ou somos escravos de nossos desejos?

PECADOS CAPITAIS E A MAÇONARIA

IR.: CRISTIAN RIZZARDI

A Maçonaria, em sua essência, busca o aprimoramento moral e ético do indivíduo, pautando-se em pilares como a fraternidade, a honra e o compromisso. É natural que façamos paralelos, comparações e buscas em padrões que já conhecemos ou que estudamos previamente. Embora não seja uma religião, é importante para o maçom, os comparativos e justaposições. São essas comparações e possíveis dissonâncias e ou concordâncias, que afiam nossas ferramentas em busca de uma construção exata de conceitos, entendimentos e práticas no dia a dia.

Por óbvio, e considerando que a maçonaria foi compilada na maioria maciça de seus ritos (antigos e atuais) por maçons cristãos, oferecemos aqui uma breve análise comparativa do que é um pecado capital para um cristão e o que é um pecado ou uma falha para um maçom. Ao analisar os Sete Pecados Capitais, é possível traçar paralelos com desvios que, do ponto de vista maçônico e humano, comprometem esses valores. Relacionamos aqui as colunas do pecado x o que o maçom deve fazer para evitar estar em pecado, seja ele bíblico ou seja ele de conduta maçônica.

OS 7 PECADOS CAPITAIS	OS 7 PECADOS MAÇÔNICOS
1. SOBERBA	1. FALTA DE FRATERNIDADE
2. AVAREZA	2. DESCOMPROMISSO
3. LUXURIA	3. DESONRA
4. INVEJA	4. VAIDADE
5. GULA	5. DESMODERAÇÃO
6. IRA	6. DESEQUILÍBRIO
7. PREGUIÇA	7. IMOBILIDADE



1. Soberba (Orgulho) vs. Humildade e Fraternidade

- Pecado Capital: A soberba é o excesso de orgulho, a arrogância, a crença na superioridade sobre os outros.
- Pecado Maçônico (Falta de Fraternidade): O maçom soberbo desconsidera a igualdade entre os irmãos, quebrando o elo fraterno. Ele pode buscar reconhecimento excessivo, subestimar a contribuição alheia ou se recusar a aprender com os demais. A soberba maçônica se manifesta na falta de humildade para reconhecer falhas e na dificuldade de se colocar no lugar do outro, minando o espírito de união. Isso ainda se constata no ar de “superioridade” de um maçom que já tem certa caminhada ou já ocupou postos de comando e olha os maçons menos experientes “por cima”.
- Implicação: Compromete a fraternidade, gerando divisão e ressentimento.

2. Avareza vs. Generosidade e Compromisso

- Pecado Capital: A avareza é o apego excessivo a bens materiais, a mesquinhez e a recusa em compartilhar.
- Pecado Maçônico (Descompromisso): Um maçom avarento pode se recusar a contribuir com a Loja ou com os irmãos em necessidade, seja financeiramente ou com seu tempo e conhecimento. Isso vai contra o princípio de auxílio mútuo e do compromisso de edificar uma sociedade melhor, que exige desprendimento e generosidade. Lembremos sempre do TRÍPLICE DONATIVO. Uns entram com metais, outros com trabalho e outros com conhecimento. Os metais são fundamentais para as obras de filantropia, porém, quando o irmão não possui, ele entra com outros recursos. Um irmão avarento, ou que se torna avarento com o passar do tempo, não contribui com nada e vira um “Peso” para a Oficina.
- Implicação: Compromete o compromisso com a Loja e com a sociedade, e a fraternidade ao negligenciar o apoio aos irmãos.

3. Luxúria vs. Respeito e Honra

- Pecado Capital: A luxúria é o desejo excessivo e descontrolado, mas também pode ser interpretada como o apego desenfreado aos prazeres mundanos.
- Pecado Maçônico (Desonra): Um maçom dominado pela luxúria pode agir de forma desonrosa, seja por infidelidade, desrespeito a terceiros ou por se deixar levar por vícios que comprometem sua reputação e a da Ordem. A busca desenfreada por prazeres superficiais pode desviar o indivíduo do seu propósito de aprimoramento e comprometer a imagem de integridade esperada de um maçom. Um maçom desonrado, mancha a reputação da Loja e da própria Ordem como um todo. Os profanos, nas faltas cometidas pelos maçons, não se importam se o irmão é da Oficina A ou B... ou daquela ou de outra potência. Ele é medido como maçom, de maneira genérica.
- Implicação: Compromete a honra pessoal e da Ordem, além do compromisso com uma conduta exemplar.

4. Inveja vs. Apoio e Fraternidade

- Pecado Capital: A inveja é o desejo de possuir o que é do outro, acompanhado de tristeza pelo sucesso alheio e alegria pelo seu infortúnio.
- Pecado Maçônico (Vaidade e Falta de Fraternidade): Um maçom invejoso não consegue celebrar as conquistas dos irmãos, podendo até mesmo tentar prejudicá-los ou menosprezar seus méritos. Isso destrói o apoio mútuo e a união, pilares da fraternidade, e contraria o ideal de que todos trabalham em conjunto para o bem comum. Um maçom vaidoso e invejoso não entendeu o propósito da ordem.
- Implicação: Compromete a fraternidade, gerando desunião e sabotagem mútua.

5. Gula vs. Moderação

- Pecado Capital: A gula é o consumo excessivo e descontrolado de alimentos e bebidas, mas também pode se estender ao consumo de qualquer coisa em demasia.
- Pecado Maçônico (Desmoderação): Um maçom desmoderado no sentido amplo (excesso em qualquer área da vida) demonstra falta de autodisciplina, essencial para o aprimoramento. A falta de moderação pode levar à negligência de seus deveres maçônicos e pessoais, comprometendo sua capacidade de cumprir seus juramentos e de se dedicar ao trabalho da Loja e ao seu próprio desenvolvimento.
- Implicação: Compromete o compromisso com a autodisciplina e a busca pelo aprimoramento.

6. Ira vs. Serenidade e Fraternidade

- Pecado Capital: A ira é a raiva descontrolada, o ódio e a impulsividade.
- Pecado Maçônico (Desequilíbrio): Um maçom irascível pode proferir ofensas, ter atitudes agressivas ou desrespeitosas com os irmãos, desvirtuando o ambiente de paz e harmonia da Loja. A perda da serenidade e o comportamento agressivo comprometem a fraternidade e a honra de um maçom, que deve ser exemplo de equilíbrio e autocontrole. É imperioso que um maçom busque o caminho do equilíbrio para que as suas decisões sejam as mais assertivas possíveis. Um maçom desequilibrado JAMAIS pode ascender à um cargo de comando, seja como Vigilante, seja como Venerável Mestre de uma Oficina. Uma mente cartesiana e irascível, pode destruir uma Oficina.
- Implicação: Compromete a equilíbrio e a harmonia da Loja, podendo levar a mesma à abater colunas.

7. Preguiça (Acedia) vs. Diligência e Mobilidade (ação)

- Pecado Capital: A preguiça, ou acedia, é a aversão ao trabalho, a indolência e a falta de esforço.
- Pecado Maçônico (Imobilidade): Um maçom preguiçoso negligencia seus deveres maçônicos, como a participação em reuniões, o estudo dos rituais e a contribuição para os trabalhos da Loja. Isso compromete a diligência assumida com a Ordem e com seu próprio crescimento, impedindo o progresso individual e coletivo. O trabalho maçônico, em suas diversas formas, exige diligência e dedicação. Um maçom imóvel, inerte, aquele que espera pelos outros sempre, e não tem ação, jamais crescerá. Um maçom que não estuda, não evolui e não contribui com o crescimento alheio da Loja e seus membros.
- Implicação: Compromete a diligência e mobilidade (ação) com a Ordem e com o desenvolvimento pessoal.

Os Sete Pecados Capitais e as suas correspondências maçônicas representam desvios de conduta que, quando manifestados por um maçom, podem minar profundamente os pilares da fraternidade, da honra e do compromisso.

A Maçonaria, ao contrário, incentiva a constante vigilância sobre si mesmo, o cultivo das virtudes e a busca incansável pelo aprimoramento moral, ético e espiritual, sempre em prol de uma sociedade mais justa e fraterna. Como combater os Sete Pecados?

OS 7 PECADOS CAPITAIS	OS 7 PECADOS MAÇÔNICOS
1. SOBERBA	1. FALTA DE FRATERNIDADE
2. AVAREZA	2. DESCOMPROMISSO
3. LUXURIA	3. DESONRA
4. INVEJA	4. VAIDADE
5. GULA	5. DESMODERAÇÃO
6. IRA	6. DESEQUILÍBRIO
7. PREGUIÇA	7. IMOBILIDADE

Se o maçom seguir simplesmente o que diz o ritual de aprendiz, e seu primeiro juramento, e observar isso durante TODA a sua caminhada, jamais se desviará do caminho da virtude. O Maçom que segue isso, estará sempre em comunhão com o bem.

SÃO JOÃO – O NOSSO PADROEIRO

PARTE 3 – QUAIS OS SANTOS DE NOME JOÃO?

IR.: GABRIEL BESTEIRO
IR.: GILMAR GALIOTTO
IR.: RODRIGO ONZI

Como estabelecido no capítulo anterior, a Maçonaria, desde suas raízes operativas, elegeu “São João” como seu patrono. Essa escolha, consolidada na era especulativa, não aponta para uma única figura, mas sim para um complexo simbólico multifacetado, encarnado por diferentes personagens históricos e arquetípicos. A pergunta que ecoa na mente de todo iniciado — “Qual João?” — não busca uma resposta singular, mas nos convida a uma jornada de descoberta através dos vários rostos que compõem este poderoso patrono.

Ao nos debruçarmos sobre os rituais, a literatura e a história da Ordem, identificamos principalmente quatro Santos de nome João que são reverenciados, cada um contribuindo com uma camada de significado para o ideal maçônico. São eles:

1. **São João Batista e São João Evangelista**, os patronos primordiais e mais universalmente reconhecidos, formando as “Duas Paralelas” que balizam a vida do Maçom.
2. **São João de Jerusalém**, também conhecido como o Esmoler ou Hospitalário, cuja figura conecta a Maçonaria aos ideais de caridade e às ordens de cavalaria.
3. **São João da Escócia**, uma figura eminentemente simbólica, ligada aos Altos Graus de certos ritos e à tradição cavalheiresca escocesa.

São João Batista

São João Batista é uma figura fundamental no cristianismo, reconhecido como o precursor de Jesus Cristo. Ele desempenhou um papel crucial na preparação do caminho para a vinda do Messias, pregando a necessidade de arrependimento e batizando aqueles que buscavam se reconciliar com Deus. Sua vida e ministério são narrados nos Evangelhos, onde é retratado como um profeta que habitou no deserto, vestindo-se com peles de camelo e alimentando-se de gafanhotos e mel silvestre. O dia de São João Batista é celebrado em 24 de junho.

História de São João Batista

Nascimento e Infância: João Batista nasceu de Zacarias e Isabel, uma parente de Maria, mãe de Jesus. Seu nascimento foi anunciado pelo anjo Gabriel a Zacarias, que ficou mudo até o nascimento do filho, como um sinal da intervenção divina. Após seu nascimento, pouco se sabe sobre a infância de João Batista. No entanto, sua formação como profeta e mensageiro de Deus é frequentemente vista como um período de preparação intensa, onde ele se dedicou à oração e ao jejum. Essa experiência é vista como fundamental para sua missão, moldando seu caráter e sua determinação.

Ministério: Ele pregava uma mensagem de arrependimento, enfatizando a necessidade de uma transformação interna para a chegada do Reino de Deus. Ele utilizava uma linguagem poderosa e provocativa, atraindo muitos seguidores. Seu batismo no rio Jordão não era apenas um ritual, mas um símbolo de purificação e renovação espiritual, que preparava os fiéis para a vinda do Messias.

Relação com Jesus: A relação entre João e Jesus é central na narrativa cristã. O batismo de Jesus por João é um evento de grande importância, marcando o início do ministério público de Jesus. João reconheceu Jesus como o “Cordeiro de Deus”, o que destaca seu papel como precursor. Esse reconhecimento é fundamental para a compreensão da missão de Jesus.

Martírio: O seu martírio é uma das histórias mais dramáticas dos Evangelhos. João Batista foi preso e, posteriormente, executado, resultado de sua ousadia em criticar Herodes Antipas. Suas críticas pela vida imoral de Herodes, especialmente por ter casado com Herodias, esposa de seu irmão. Fundamentalmente, Herodes temia sua influência e a mensagem que ele disseminava. Sua , que envolve a dança de Salomé e a solicitação da cabeça de João em uma bandeja, é um testemunho de sua coragem e compromisso com a verdade, mesmo diante da morte.

Influência Cultural

João Batista deixou um legado que transcende as fronteiras do cristianismo. Sua figura é reverenciada em várias tradições religiosas e culturais. Ele é mencionado no Islã, onde é conhecido como Yahya, e é considerado um profeta. Sua vida e ensinamentos têm inspirado inúmeras obras de arte, literatura e música ao longo dos séculos, refletindo sua importância duradoura na espiritualidade e na moralidade.

Ligações com a Maçonaria

As conexões entre São João Batista e a Maçonaria são predominantemente simbólicas. A Maçonaria, uma fraternidade que emergiu na Europa entre os séculos XVI e XVII, incorpora muitos símbolos e figuras da tradição cristã, bem como de outras tradições religiosas.

Ainda assim, a figura de São João Batista ocupa um lugar de destaque e veneração dentro da Maçonaria, sendo considerado um de seus padroeiros celestiais, ao lado de São João Evangelista. Essa tradição, enraizada na história da Ordem, transcende a mera homenagem religiosa, incorporando profundos simbolismos e lições morais que ressoam com os princípios e ensinamentos maçônicos. A ligação entre São João Batista e a Maçonaria é multifacetada, abrangendo aspectos históricos, lendários e, principalmente, a personificação de virtudes essenciais para o desenvolvimento do maçom.



Com a transição da Maçonaria operativa para a especulativa, no início do século XVIII, a figura de São João Batista manteve sua relevância, sendo adotado pelas primeiras Grandes Lojas como um de seus principais patronos. A data de 24 de junho, dia dedicado a São João Batista, tornou-se um marco importante no calendário maçônico, frequentemente utilizada para a realização de assembleias gerais e festividades. Essa tradição perdura até os dias atuais em muitas Obediências maçônicas ao redor do mundo.

O simbolismo inerente à figura de São João Batista é vasto e profundamente alinhado com os ideais maçônicos. Sua vida é um exemplo de integridade moral e coragem. Ele não hesitou em denunciar a injustiça e a hipocrisia, mesmo diante de figuras poderosas como o rei Herodes, culminando em seu martírio. Essa firmeza de caráter e compromisso com a verdade são qualidades que a Maçonaria busca cultivar em seus membros. O maçom é exortado a ser honesto, justo e a defender seus princípios, mesmo em face da adversidade.

O batismo realizado por São João Batista no rio Jordão é outro símbolo poderoso para a Maçonaria. Embora a Ordem não pratique o batismo religioso, o ato de imersão e emergência representa a purificação, a renovação e o início de uma nova jornada. Para o maçom, a iniciação é um rito de passagem que marca o começo de sua jornada de autoconhecimento e aprimoramento moral. Assim como o batismo de João era um preparo para a vinda do Messias, a iniciação maçônica é um convite para o desenvolvimento espiritual e a busca pela luz da sabedoria.

A figura de São João Batista também está associada à ideia de ser um precursor, aquele que prepara o caminho para algo maior. Na Maçonaria, cada membro é incentivado a ser um agente de mudança positiva na sociedade, a trabalhar para o bem da humanidade e a construir um mundo mais justo e fraterno. Assim como João preparou o caminho para Jesus, o maçom deve se esforçar para pavimentar o caminho para o progresso e a evolução da humanidade.

Além disso, a celebração do dia de São João Batista, que coincide com o solstício de verão no hemisfério norte, carrega um simbolismo ligado à luz. O solstício marca o auge da luz solar, representando o conhecimento, a clareza e a iluminação espiritual que a Maçonaria busca proporcionar a seus membros. Essa conexão com os ciclos da natureza e a busca pela luz são elementos centrais na filosofia maçônica.

Em algumas tradições maçônicas, a figura de São João Evangelista também é reverenciada como padroeiro, e as festividades de ambos os São João (Batista em junho e Evangelista em dezembro) marcam os solstícios, simbolizando a dualidade da luz e da escuridão, do verão e do inverno, e a constante busca pelo equilíbrio e pela harmonia.

C.E.M. LUZ DE ALEXANDRIA
Presidente da Comissão
Ir.: Cristian Rizzardi

Membros

Ir.: Daniel Sozo
Ir.: Eduardo Augusto Rocha
Ir.: Alexandre de Lavra Pinto
Ir.: Júlio César Zambiasi
Ir.: Vinicius Bernardi

Expediente:
Redação - Cristian Rizzardi
Diagramação - Júlio César Zambiasi
Logotipo - Gabriel Besteiro